



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2018: SIC - XXX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2018
<b>Local</b>	Campus do Vale - UFRGS
<b>Título</b>	A máquina cultural argentina: entre a teoria e a ficção
<b>Autor</b>	THAYNÁ RUAS PRADO
<b>Orientador</b>	KARINA DE CASTILHOS LUCENA

## A máquina cultural argentina: entre a teoria e a ficção

Bolsista: Thayná Ruas Prado (UFRGS)

Orientadora: Karina de Castilhos Lucena (UFRGS)

A intenção deste trabalho é expor uma leitura atenta do livro *La máquina cultural* (1998), de Beatriz Sarlo (Buenos Aires, 1942). Sarlo é conhecida por seus ensaios, e o livro que comentamos aqui causa algum estranhamento porque a autora adota um estilo de escrita aproximado da ficção. O formato escolhido pela autora nas três partes do livro mostra que, além da sua intenção de analisar ensaísticamente a cultura argentina, está presente no livro certo diálogo com a escrita do relato e da ficção. No primeiro capítulo, *Cabezas rapadas y cintas argentinas*, o narrador personagem é a professora Rosa del Río, filha de imigrantes italianos, que relata sua experiência de pobreza e difícil acesso à cultura letrada durante a infância e de como, através da escola, obteve seus maiores êxitos. Sua trajetória é a justificativa de suas ações, uma vez que ela se especializa em reproduzir o modelo ao que foi exposta. Por outro lado, o segundo capítulo, *Victoria Ocampo o el amor de la cita*, conta a história de uma tradutora pertencente à elite letrada. Assim como a professora, Ocampo também pensa a cultura a partir de suas vivências, e por estar fortemente influenciada pela cultura europeia e em contato constante com autores e artistas, não compreende que sua situação é de exceção e que não se trata necessariamente de uma relação recíproca entre culturas. Já o terceiro capítulo, *La noche de las cámaras despiertas*, não conta com uma personagem central, e sim descreve as ações de um grupo de vanguardistas que realizaram todas as etapas de filmagem e edição de curta-metragens mudos, em um evento que durou apenas algumas horas. Em um movimento contra a censura, a mensagem dos curtas não foi o foco principal, a busca era por uma forma que fosse revolucionária naquele contexto, já que o objetivo era que os filmes fossem exibidos em um instituto de cinema. Nesses três capítulos, a autora mostra como as personagens centrais estabelecem suas relações com a máquina cultural em formato de narração. Em um quarto capítulo, intitulado *La máquina cultural*, a autora explica algumas das relações que buscava ao unir essas três narrativas: “Cada uno de ellos estableció con la máquina cultural relaciones diferentes: de reproducción de destrezas, imposición y consolidación de un imaginario (la maestra); de importación y mezcla (la traductora); de refutación y crítica (los vanguardistas)” (SARLO, 1998, p. 207). A forma que Sarlo escolheu para apresentar a máquina cultural argentina pode ser debatida, já que se trata de um formato inusitado e que depende diretamente dos pactos que se realizam quando o leitor abre o livro. Que tipo de informação busca o leitor? Esse livro foi escrito para leigos ou para especialistas? Trata-se de teoria ou ficção? São diferentes nossos olhares quando nos deparamos com textos de teoria ou de ficção, bem como variam de acordo com o contexto. As expectativas em relação ao formato da obra e sobre o quão produtivo pode ser o especialista escrever suas impressões de forma implicada estão muito ligadas ao tipo de impressão que a obra deixará em nós. Quando não se sabe o que esperar, aquilo que surge a partir da leitura pode ser menos artificial do que quando já se tem um padrão estabelecido. A pretensão deste trabalho, portanto, é apresentar cada uma das narrativas trazidas no livro de Sarlo, quais foram as sensações que permearam essa leitura e como a partir disso foi possível construir um diálogo com outros textos trabalhados no grupo de pesquisa, que dizem respeito à tradução e à formação de sistemas literários, especialmente em culturas periféricas, como é o caso da Argentina.